

BB adquire títulos da dívida brasileira

“É melhor do que a situação que estava”, avaliou o presidente do Banco do Brasil, Alcir Calliari, sobre a opção dada pelo Governo aos bancos credores brasileiros da dívida externa. A troca da dívida por DCB (Debt Conversion Bond) foi favorável aos 11 credores brasileiros, segundo ele, por ser um título de menor prazo. Calliari admitiu que o BB ampliou seu volume de créditos, ao adquirir títulos da dívida (os MYDFA que serão trocados pelos novos bônus) no mercado secundário internacional, aproveitando deságios de até 78 por cento no ano passado.

“Muitas dessas dívidas eram de empresas brasileiras de primeira qualidade, como Petrobrás, Vale do Rio Doce, que o banco adquiriu por interesses de mercado e diante do preço baixo”, justificou

Calliari. Por muito tempo, o Banco Central creditou aos credores brasileiros um total de 6 bilhões de dólares devidos pelo País. Em 22 de fevereiro deste ano, quando foi paralisada a negociação com os títulos (MYDFA) para conciliação dos valores da dívida, o BC verificou um crescimento de 900 milhões de dólares em créditos do setor público.

Outra expectativa os credores brasileiros era de que o Governo adotasse programas como a antiga conversão da dívida externa ou aplicação nos programas de privatização. Segundo Calliari, são os “interesses de mercado” que levaram o BB a ficar com uma dívida em moeda estrangeira junto ao País ainda maior do que administrou até agora. Há boas

perspectivas de que, tão logo seja concluído o acordo com os bancos privados, previsto para até 28 de fevereiro do próximo ano, o BB possa obter bons negócios no mercado secundário que será criado para os bônus brasileiros, disse Calliari.

De qualquer forma, como presidente do maior credor financeiro do Brasil, Calliari não deixa de apontar as desvantagens de uma renegociação como essa, que depende, entre outras coisas, de um futuro acordo do País com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para ser concluída. “São muitas as incertezas, vamos trocar nossos créditos por títulos de longo prazo e nenhum empresário gosta de ter um imobilizado por longo tempo”, afirmou.